

a crítica literária; é nela que aparece, a 31 de dezembro de 1902, o artigo que consagra *Os Sertões*, lançado dias antes. Os jornais dos Estados acompanham essa tendência de apreço às letras: *A Gazeta*, em S. Paulo, o *Correio do Povo*, em Porto Alegre, o *Diário de Pernambuco*, em Recife, revelando os escritores da província que, realizado esse estágio, passam ao Rio, habitualmente, porque só a capital consagra.

Essa imprensa que vive tanto da literatura, como esta vive da imprensa, estimula a polêmica. Aparecem na rinha algumas penas famosas: Carlos de Laet contra Camilo Castelo Branco; Júlio Ribeiro versus padre Sena Freitas, antes; em 1909, Sílvio Romero lançará as farpas das *Zeverissimasções Inéptas da Crítica*, respondidas por A. Bandeira de Melo, no *Jornal Pequeno*, do Recife, em dezembro de 1910 e janeiro de 1911, artigos reunidos depois no volume *A Morte da Polidez*. A grande polêmica da época, entretanto, é aquela em que figuram Rui Barbosa, de um lado, e Ernesto Carneiro Ribeiro, de outro: Epitácio Pessoa, ministro da Justiça no governo Campos Sales, desejava pronto o novo Código Civil antes do término do mandato presidencial, em 1902; Clóvis Beviláqua preparou o projeto em seis meses e Carneiro Ribeiro fez-lhe a revisão em “quatro dias e algumas horas”; mas a 27 de julho, o *Diário Oficial* publicava o monumental “Parecer do Senador Rui Barbosa sobre a redação do projeto da Câmara dos Deputados”. A polêmica desenvolveu-se, tempestuosa, ocupando a atenção dos jornais: o *Diário Oficial* de 26 de outubro publicaria as “Ligeiras observações sobre as emendas do Dr. Rui Barbosa”, resposta de Carneiro Ribeiro ao “Parecer”. A 7 de novembro, o mesmo órgão divulgaria a “Resposta ao Parecer do Senador Rui Barbosa”, do deputado Anísio de Abreu. Rui discursaria, a 11 de novembro, respondendo e defendendo o seu “Parecer”: é uma análise gramatical exaustiva, cujo longo título, quando publicada, ficou resumido e conhecido como *Réplica*. A nova contestação de Carneiro Ribeiro, “Redação do Projeto do Código Civil e a Réplica do Dr. Rui Barbosa”, só apareceria em 1905. José Veríssimo, com agudeza e bom senso, comentou: “Oh! esta nossa língua portuguesa quem pode jactar-se de sabê-la toda, de poder, sem contestação plausível, apoiar-lhe ou reprovar-lhe uma forma, uma expressão, um vocábulo, afirmar com segurança, fora dos casos vulgares de incorreção manifesta e dos solecismos indiscutíveis, que isto é errado ou aquilo é certo, que isto é vernáculo e aquilo não é?”

Outra nota de escândalo gira em torno da carta aberta do professor Hemetério José dos Santos a Fábio Luz, publicada na *Gazeta de Notícias* de 16 de novembro de 1908, atacando Machado de Assis, reproduzida no *Almanaque Garnier* de 1910: procedimento incorreto com a madrastra,